



Tecnologias da Informação em Educação

A Recepção da Produção Audiovisual na Educação Universitária

Suyanne Souza

Instituição Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Bolsista da CAPES – Proc. N6109/13-06

suyanne.souza@pucpr.br

Francisco Mallmann

Instituição Pontifícia Universidade Católica do Paraná

francisco.mallmann@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo identifica de que maneira o estudante universitário se apropria de materiais audiovisuais no seu percurso acadêmico. Comunicação e Educação são duas áreas do conhecimento que se relacionam de forma intensa, num fluxo incessante e difícil de delimitar. As atuais circunstâncias educacionais e tecnológicas já não compreendem um ambiente hierarquizado, fixo e centralizado de apreensão e produção de conhecimento. A convergência midiática e a interface entre diferentes áreas do conhecimento constroem um espaço de interação e contato que disponibiliza ao indivíduo recursos não lineares de estudo e aprendizagem. As vídeo aulas são um dos recursos que compõe o campo audiovisual a que estão disponíveis aos estudantes em diversas plataformas distintas. São utilizadas na pesquisa como um recurso educativo e como a relação entre os meios de comunicação e o ambiente universitário. As informações e dados obtidos são resultados de uma pesquisa qualitativa que se deu por meio de grupo focal, em que os estudantes debatiam e refletiam sobre três diferentes formatos de videoaulas a que tiveram acesso. A pesquisa revela que a forma de se relacionar com os materiais audiovisuais entre os estudante é comum: eles buscam por materiais audiovisuais no ciberespaço de acordo com suas especificidades e necessidades, e procuram por objetos atrativos e rápidos. As inovações tecnológicas passaram a criar novos significados e novas práticas educacionais. Precisa-se entender que as novas formas de tecnologias educacionais e intelectuais propõe uma maneira distinta de acesso à informação, de raciocínios e de conhecimento.

Palavras-chave: Comunicação; Educação; Recepção; Ciberespaço; Mídia.



Abstract

This article identifies how the university student appropriates audiovisual materials in their academic journey. Communication and education are two areas of knowledge that relate intensely, in a ceaseless flow that is difficult to define. The current educational and technological circumstances no longer comprise a hierarchical, fixed and centralized environment of knowledge seizure and production. The media convergence and the interface between different fields of knowledge build a space for interaction and contact that provides the individual nonlinear resources of study and learning. The video classes are one of the resources that make up the audiovisual field that is available to students in many different platforms. They are used in research as an educational resource and as the relationship between the media and the university environment. The information and data collected are the results from a qualitative study that was carried out through focus groups, where students debated and reflected on three different formats of video classes to which they had access. The research shows that the way students relate to audiovisual materials is common: they look for audiovisual materials in cyberspace according to their characteristics and needs, and look for attractive and fast objects. Technological innovations began to create new meanings and new educational practices. It must be understood that the new forms of educational and intellectual technologies propose a different way of access to information, knowledge and reasoning.

Keywords: communication, education, reception; cyberspace; media.

Résumé

Cet article identifie la manière dont l'étudiant s'approprie des matériels audiovisuels dans son parcours à l'université. Communication et éducation sont deux champs de connaissances qui ont des rapports intenses, dans un flux incessant et difficile à délimiter. Les circonstances actuelles éducatives et technologiques ne comprennent plus un environnement hiérarchique, fixe et centralisé d'appréhension et de production de connaissances. La convergence médiatique et les interfaces entre les différents domaines du savoir construisent un espace d'interaction et de contact qui fournit à l'individu des ressources non linéaires d'étude et d'apprentissage. Les cours vidéo sont l'une des ressources qui composent le champ audiovisuel et qui sont proposées aux étudiants sur différentes plateformes. Ils sont utilisés dans la recherche comme ressource éducative et comme lien entre les moyens de communication et le monde universitaire. Les informations et les données présentées proviennent



d'une étude qualitative qui a été effectuée par l'intermédiaire de groupes de discussion où les étudiants débattaient et réfléchissaient sur trois formats différents de cours vidéo auxquels ils avaient eu accès. L'étude montre une façon commune parmi les étudiants de se relier au matériel audiovisuel: ils le recherchent dans le cyberspace en fonction de leurs spécificités et de leurs besoins, et cherchent des objets attrayants et rapides. Les innovations technologiques ont commencé à créer de nouveaux sens et de nouvelles pratiques éducatives. Il faut comprendre que les nouvelles formes de technologies éducatives et intellectuelles proposent une manière différente d'accéder à l'information, de raisonner et des formes différentes de connaissances

Mots-clés: communication, éducation, réception, cyberspace, médias.

Introdução

Comunicação e educação são duas ciências que se relacionam estabelecendo um novo campo de conhecimento. Embora alguns autores como Citelli (2011), Soares (2011) ainda falem em interface, entende-se que há o estabelecimento de uma relação mais próxima, de um campo entre as ciências.

O estabelecimento deste campo cria uma relação de aproximação teórico-prática que acontece tanto dentro quanto fora das universidades. O fato é que não se pode mais ignorar que somos todos consumidores e produtores de mídias e conteúdo que se disponibiliza via rede diariamente.

A identificação deste alcance já havia sido anunciado por Paulo Freire em 1960, quando afirmava que promover educação é fazer comunicação. Por conta da proximidade das ciências e das suas abrangências, não limita-se cada uma, mas identifica-se a essência e a extensão dessas áreas de conhecimento. Considera-se esta aproximação essencial no contexto atual, em que a informação, a aprendizagem e o conhecimento não são mais, necessariamente, apreendidos de maneira linear, presencial e ultrapassam os muros das Universidades.

A construção do conhecimento é feita no âmbito da convergência, em que vários sistemas de mídias fazem seus conteúdos transitarem entre si de maneira fluida num processo contínuo. Segundo JENKINS (2009) as circunstâncias atuais produzem um panorama em que as competências adquiridas por uma pessoa no início de seu percurso profissional estarão ultrapassadas no fim de sua carreira, por isso, se torna indispensável o estudo e a análise de novas maneiras de apreensão do



conhecimento.

A educação na era da convergência produz novas formas de apropriação do conhecimento em escalas não lineares e paralelas, estruturadas em níveis e hierarquias em que não há saberes "superiores". O que se encontra são modelos em que o conhecimento se configura em espaços abertos, contínuos, em fluxo, não lineares e que se reorganizam em função dos contextos ou objetivos.

Diferentes suportes de mídia estão sendo utilizados no processo de ensino e aprendizagem, trocar informações em wikis, blogs, redes sociais, utilizar audiovisuais já é uma realidade que acontece tanto no ensino presencial quanto no ensino a distância. Os avanços tecnológicos e a diminuição do custo de equipamentos permitiu que o acesso fosse ampliado. Frente a estas características, pode-se afirmar que existe uma verdadeira troca de informações entre emissores e receptores que acontece em espaços desterritorializados (Lévy, 1999), no ciberespaço. Segundo LÉVY (1999, p.157) "o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas: memória, imaginação, percepção e raciocínios".

Com base nessa realidade é que esta investigação se apresenta. Tem como problema a seguinte questão: Como os alunos se apropriam das mídias audiovisuais dispostas em diferentes suportes para o sua aprendizagem?

A presente pesquisa traz um recorte de um estudo mais amplo que tem por objetivo identificar a recepção da mídia audiovisual no processo de aprendizagem do aluno universitário. A pesquisa se deu por meio de análise de recepção de vídeo aulas¹ que, no contexto estudado, representam a relação entre o ambiente acadêmico e a mídia audiovisual. Apresenta-se os resultados obtidos em um grupo focal, realizado com alunos da Escola de Comunicação e Artes de uma Universidade particular de grande porte na cidade de Curitiba. A amostragem não é utilizada como probabilística intencional, mas como uma possibilidade utilizada em estudos qualitativos.

Para contextualização teórica do presente estudo foram abordados temas da Educação e da Comunicação e seus campos de pesquisa nos últimos dez anos buscando contemplar suas interfaces e seus campos a partir dos estudos de Silva(2011), Freire (1979), Baccega (2011).

.1 O conceito de vídeo aula no presente artigo é utilizado como recurso audiovisual produzido para ser utilizado com fins educativos.



Para definir convergência, ou mesmo entendê-la no campo da Educação e Comunicação, aborda-se temas como inteligência coletiva e da cultura participativa, fundamentados em Lévy (1999, 2007) e Jenkins (2009). Estabelece-se neste sentido a relação da Convergência e da Educação Silva(2004), Bringgs e Burke (2006), Moran (2007) sendo este fenômeno considerado de grande contribuição para aquisição do conhecimento.

A pesquisa busca trazer reflexões que possam levar o professor a uma transformação de sua prática. Durante o processo investigativo foi possível observar o aluno como receptor do processo de aprendizagem inserido na cultura da convergência. Apresenta-se sua percepção com relação a mídia audiovisual e sua utilização no contexto acadêmico. O estudante universitário tem naturalizado ao seu hábito de estudo e apreensão de conhecimento ferramentas e materiais audiovisuais, nesse sentido, a estrutura acadêmica e o professor, também precisam se adaptar e empregar esses recursos em seu cotidiano.

Não se pode mais encarar o percurso acadêmico como um processo unilateral em que a hierarquia universitária dita as formas de produção e experimentação do conhecimento. O estudo se propõe a refletir as maneiras com que, conjuntamente, o aluno, o professor e a Universidade possam melhor utilizar as vias existentes na busca por um ensino e aprendizagem plenos.

Comunicação e Educação

Os estudos referentes a educação e a comunicação dividem autores que pensam as ciências estabelecendo interfaces, apenas como um ponto de intersecção entre as ciências, e outros que falam sobre a existência de um campo de estudo. Optou-se portanto pelos autores que falam sobre a existência de um campo, embora ainda se aponte para os desafios que tem que ser enfrentados. Segundo Baccega é necessário *“enfrentar a complexidade da construção do campo comunicação/ educação como novo espaço teórico capaz de fundamentar práticas de formação de sujeitos conscientes”*. (Baccega 2011, p. 33)

Para Braga e Calazans, duas são as maneiras em que se pode perceber a relação dessas áreas do conhecimento. A primeira delas, diz respeito a proliferação e desenvolvimento de meios de comunicações e de processos midiáticos que constroem procedimentos públicos de comunicação. Estão enquadrados, aqui, jornal, rádio, televisão, cinema, telefone, e, atualmente as redes de informáticas. A segunda, aborda o processo comunicativo como essencial em todas as instituições



e em todos os campos da sociedade. A saúde, a política, as artes, a economia não podem existir sem processos comunicacionais. Também não pode a educação.

As interações sociais fazem parte dos dois campos e são o cerne de ambas as funções. Como colocam BRAGA e CALAZANS (2001, p. 10)

“O [campo] educacional se coloca, diretamente, como uma questão central no desenvolvimento das novas interações da comunicação social. A cada invenção tecnológica a sociedade atribui aos processos comunicacionais, desenvolvidos em torno da invenção, uma expectativa educacional.”

Sobre a relação que tem os dois campos com a sociedade e as atividades humanas, os autores prosseguem:

“Paralelamente, a questão comunicacional, para além de seu espaço próprio, interessa a todas as demais atividades humanas. Os dois campos investem de uma competência para tratar de todas as coisas do mundo físico ou social – segundo as perspectivas de seus próprios objetivos e processos”

O século XX é marcado pelas intensas e constantes transformações que passam o sistema educacional e a comunicação. A tecnologia incessantemente renovada, a política, a sociedade a economia, e tantos outros fatores, influenciam nessas duas áreas e criam um espaço de experimentação e risco, já que os métodos não podem ser fixos e imutáveis.

Ao trabalhar com a sociedade, sua complexidade e seu fator humano, a educação se depara com a constatação de que os meios de comunicação são, na sociedade moderna, “o principal sistema material produtor e circulador de informação”, como dizem BRAGA e CALAZANS (2001, p. 18).

Com as mídias e com complexos e abrangentes mecanismos de comunicação, inseridas no contexto de uma sociedade mediatizada, os saberes já não estão entre quatro paredes, eles circulam livremente, de maneira acelerada, desordenada e vindos de fontes distintas. Em relação aos saberes inseridos na sociedade convergente, BRAGA e CALAZANS (2001, p. 62) afirmam “Mais do que simples “saberes”, multiplicam-se dispositivos de mediação e circulação dos saberes. Em consequência, modificam-se as aprendizagens relacionadas a tais saberes”.

Este panorama, em que as formas de aprender são variadas, constitui uma mudança na maneira com que a educação e a comunicação se estabelecem. De um lado, não se pode mais pensar a educação apenas de forma tradicional, afinal



o professor não é o detentor de todo o conhecimento que só pode ser acessado mediante permissão e transmissão unilateral. De outro, a responsabilidade dos meios de comunicação, cujos objetivos e destinos são variados e, muitas vezes, não especificados e elaborados necessariamente com fins educativos.

Os saberes que se encontram nas mais diversas mídias, encontram-se dispersos e não são organizados e nem mesmo selecionados por nenhuma instituição televisiva, por exemplo, para fins exclusivamente educativos. Salvo as emissoras que se estabelecem desta forma, mas mesmo assim não assumem a mesma função das escolas. Por isso, entende-se que não se pode compará-los aos sistemas escolares. Portanto, não há nenhuma lógica que estrutura, que dá coerência e coesão aos saberes mediatizados. BRAGA e CALAZANS (2001, p. 99) comentam:

“Com isso [saberes mediatizados] a estruturação do “tema” é toda interna ou específica de sua própria aparição na mídia – sem referência a conhecimentos necessários anteriores ou direcionamento a consequências e continuidade a serem posteriormente trabalhadas. A própria apresentação tem que se bastar. Ocorre portanto uma “desformalização” dos conhecimentos na sua elaboração original e uma “reformalização” para os propósitos da mediatização”

Segundo MORAN (2007) “A sala de aula será, cada vez mais, um ponto de partida e de chegada, um espaço importante, mas que se combina com outros espaços para ampliar as possibilidades de atividades de aprendizagem”. A escola e o professor precisam encontrar meios e mecanismos que permitam a ele se estabelecer, dentro de seu ambiente profissional, como intermediário de um processo aberto e abrangente. Sobre isso, MORAN (2007) diz:

“Antes o professor se restringia ao espaço da sala de aula. Agora precisa aprender a gerenciar também atividades a distância, visitas técnicas, orientação de projetos e tudo isso fazendo parte da carga horária da sua disciplina, estando visível na grade curricular, flexibilizando o tempo de estada em aula e incrementando outros espaços e tempos de aprendizagem.”

Assim entende-se diferentes possibilidades para utilização das mídias em sala de aula e fora dela. Esta é uma atividade que vem sendo incorporada por professores e repartida por estudantes. Nesta pesquisa o recorte específico do objeto estudado são as mídias audiovisuais disponíveis em diferentes suportes convergentes via rede.



Convergência e Ciberespaço

A educação na era da convergência se caracteriza por novos modelos do espaço de conhecimento em escalas não lineares e paralelas, estruturadas em níveis e hierarquias em que não há saberes “superiores”.

Definir convergência, ou mesmo entendê-la, requer a compreensão de vários outros fatores que a compõe. Segundo JENKINS (2009) os inúmeros elementos que transpassam o conceito podem ser utilizados para se atingir o ponto de partida da convergência: existe sempre a cooperação, o fluxo e a multiplicidade. A palavra abrange transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais. Embora vista por diferentes óticas, a convergência é fundamentada sobre uma afirmativa que é regra, e guia, há sempre uma contínua interação entre diferentes mídias, que exclui a existência de uma relação fixa.

De maneira mais abrangente, convergência é a coexistência de vários sistemas de mídias que fazem seus conteúdos transitarem entre si de maneira fluida num processo contínuo. Segundo JENKINS (2009, p. 30) “a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos”. Sob essa mesma vertente, o autor afirma que a convergência não acontece por meio de aparelhos, como muitos acreditam, e sim dentro de cada um dos consumidores e em suas relações com outros.

Entendendo o consumo, enquanto obtenção de conhecimento e como um processo coletivo, pode-se abordar o conceito de inteligência coletiva, de LÉVY (2007, p.28). Segundo ele, é “uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências”. LÉVY (2007) aborda questões importantes para se perceber a educação e os rumos do conhecimento no contexto da cultura da convergência.

A convergência dos meios está além das mudanças tecnológicas e das mídias utilizadas com fins específicos. A convergência altera a relação entre as tecnologias que já existem, os públicos, a forma como a indústria vê e concebe o conhecimento, o entretenimento, a informação, os mercados, as hierarquias entre consumidor e produtor e tantos outros fatores existentes nesse trâmite (Jenkins, 2009). Neste sentido é importante salientar que a convergência é um processo contínuo e, definitivamente, não se trata de um fenômeno com uma extremidade que dá fim ao movimento, é fluído e contínuo. Desta mesma forma, se faz necessário



que a escola, também inserida no contexto convergente, avalie a utilização das tecnologias e a relação professor aluno.

Convergência, educação e recepção

A relação entre convergência e educação pode ser melhor compreendida quando alguns dados históricos se integram aos termos. A palavra convergência, nessa aliança, começou a ser usada na década de 1950, segundo os autores Asa Briggs e Peter Burke (2006), como sinônimo de esperança. Nota-se, portanto, que desde o momento em que se integrou ao contexto e a nomenclatura da área, a relação entre os meios de comunicação é vista de maneira positiva quando em atuação conjunta ao campo educacional. No mesmo período em que o termo convergência se tornou generalizado, expressões como “sociedade de aprendizagem” e “educação continuada” começaram a ser utilizadas (BRIGGS e BURKE, 2006, p.307).

No que se refere à educação, a convergência pode ser considerada um fenômeno de contribuição para o conhecimento e a instrução humana de maneira mais apropriada ao contexto atual, isto é, acompanha as atuais circunstâncias de tecnologia e ferramentas de aprendizagem. É importante esclarecer que os diferentes modos de apreensão do conhecimento, como por exemplo, a EAD, não excluem os modos clássicos de ensinamento. Como diz JENKINS (2009, p.39),

“O conteúdo de um meio pode mudar, seu público pode mudar, e seu status pode subir ou cair, mas uma vez que um meio se estabelece, ao satisfazer alguma demanda humana essencial, ele continua a funcionar dentro de um sistema maior de opções de comunicação”.

A educação na era da convergência conjectura novos modelos do espaço de conhecimento em escalas não lineares e paralelas, estruturadas em níveis e hierarquias em que não há saberes “superiores”. O que se encontra são modelos em que o conhecimento se configura em espaços abertos, contínuos, em fluxo, não lineares e que se reorganiza em função dos contextos ou objetivos, nos quais cada um ocupa uma posição singular.

Os indivíduos, como revela LÉVY (1999), já não toleram seguir cursos uniformes ou rígidos que não correspondem a suas necessidades reais e à especificidade de seu trajeto de vida, portanto, se faz urgente encontrar um novo estilo de pedagogia, que enfatize paralelamente as aprendizagens personalizadas e as aprendizagens



coletivas em rede. Ainda segundo LÉVY (1999, p.158), *“nesse contexto, o professor é incentivado a tornar-se um animador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos em vez de um fornecedor direto de conhecimentos”*.

Desta forma a aproximação entre o ensino presencial e o ensino a distância serão cada vez mais associados, já que o uso do audiovisual e dos suportes multimídia vem sendo progressivamente integrado às formas mais clássicas de ensino. A escola não sendo mais a única fonte de transmissão do saber causa diferenças também no processo de recepção de informação e conhecimento, embora os dois venham termos venham sendo confundidos ou utilizados como sinônimo.

O lugar da recepção na convergência assume mais força e intensidade, e tem o poder de transformar a maneira com que se encara a produção e o pensamento acerca do público e seus hábitos. Os consumidores de mídia, conhecimento e informação são hoje ativos e determinados. Migram, desligam, alteram, e acabam com a ideia de lealdade a redes e meios de comunicação.

Antigos consumidores configuravam o perfil do isolamento e os novos são conectados socialmente e interagem nas chamadas *“comunidades de conhecimento”* (Lévy, 1999). São grupos que se formam ao redor de interesses intelectuais mútuos, seus membros atuam juntos para constituir novos conhecimentos, muitas vezes em campos em que não existem especialistas tradicionais.

As plataformas educacionais, situadas no ciberespaço, tem por objetivo educar e disponibilizar o conhecimento para um número grande de pessoas, sem que pra isso, exista a necessidade de professor on-line full time ou espaço físico. A troca de informações existente num espaço virtual coletivo é um dos principais pontos em que se sustenta a aprendizagem em redes abertas de conhecimento. A liberdade de expressão, o acesso universal à informação e ao conhecimento, a igualdade em acesso e a diversidade cultural também são pontos que dão respaldo ao ciberespaço.

Surgem desta forma, relações que são, segundo JENKINS (2009, p.46), *“ao mesmo tempo solidárias e antagônicas”* e permitem modos de audiência comunitários, ao invés de individualistas.

Segundo ESCOSTEGUY e JACKS (2005, p. 69) analisar a recepção nesse ambiente de convergência *“implica assumir que a audiência é composta por sujeitos e considerá-la “em situação”, portanto, condicionada individual e coletivamente. Implica vê-la em constituição por processos variados, e em constante diferenciação”*.



O estudante universitário, ao se deparar com o grande número de informações e possibilidades de entrar em contato com o conhecimento, e os saberes, seleciona e opta pelos materiais que se relacionam com seu contexto. ESCOSTEGUY e JACKS (2005, p. 69), ao citarem OROZCO (2002), colocam:

“O receptor, por sua vez, também realiza mediações, de caráter psicológico, determinadas pelas de caráter sociocultural, em um processo constante e dialético. Orozco as chama de mediações individuais, as quais subdivide em cognitiva e estrutural.

A mediação cognitiva é um conjunto de fatores que influem na percepção, processamento e apropriação de elementos/acontecimentos que estão diretamente relacionados com a aquisição de conhecimento (informações, valores, crenças, emoções etc).

A estrutural é constituída por idade, sexo, religião, escolaridade, estrato sócio-econômico, etnia etc. são elementos identitários que servem de referência ao receptor, conformando sua maneira de pensar e agir, ou seja, são fatores que também entram no processo de construção do conhecimento e de produção de sentido”.

Os estudos de análise de recepção foram baseados em Orozco (2006) e Martín-Barbero (2006) em que considera-se a recepção como um processo ativo, em que receptores passam a ser usuários de mídias, estabelecendo conexões entre saberes.

Metodologia

A presente pesquisa qualitativa adota o grupo focal como metodologia para perceber como se dá a recepção de trabalhos audiovisuais no processo de aprendizagem do estudante universitário. Delimitar, ou mesmo identificar, de que maneira vídeos, imagens, gravações e demais materiais audiovisuais disponibilizados no ciberespaço, interferem na aprendizagem desse aluno só é possível com o diálogo e com o uso de uma técnica em que ele próprio possa se expressar de maneira direta.

Grupo focal é uma técnica que faz parte das abordagens qualitativas e deriva de trabalhos variados que utilizam as relações coletivas como forma de acesso e construção do conhecimento. Ela se constitui, basicamente, pela reunião de um conjunto de pessoas, selecionadas segundo alguns critérios delimitados conforme



o problema em estudo. O grupo é composto por indivíduos que possuem algumas características em comum e que os tornam aptos a discorrer e debater sobre o tema, por isso, é importante que os participantes tenham alguma vivência com o tema, para que sua contribuição seja feita a partir de experiências concretas e cotidianas. GATTI (2005, p.11) coloca que:

“O trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado.”

Para se compor o primeiro grupo focal, no dia 05 de abril de 2013, foram convidados doze alunos do curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo, da Escola de Comunicação e Artes, durante o processo pode-se considerar que apenas seis alunos participaram da dinâmica. A técnica se constituía da seguinte maneira: amostras de 10 minutos de três diferentes vídeo aulas, com formatos distintos (documentário, entrevista e debate) relacionados a área de conhecimento, foram apresentadas aos alunos.

Sobre a utilização de vídeos no ambiente escolar, MORAN (1995) comenta:

“O vídeo parte do concreto, do visível, do imediato, próximo, que toca todos os sentidos. Mexe com o corpo, com a pele -nos toca e “tocamos” os outros, estão ao nosso alcance através dos recortes visuais, do close, do som estéreo envolvente. Pelo vídeo sentimos, experienciamos sensorialmente o outro, o mundo, nós mesmos.

O vídeo explora também e, basicamente, o ver, o visualizar, o ter diante de nós as situações, as pessoas, os cenários, as cores, as relações espaciais (próximo-distante, alto-baixo, direita-esquerda, grande-pequeno, equilíbrio-desequilíbrio). Desenvolve um ver entrecortado -com múltiplos recortes da realidade -através dos planos- e muitos ritmos visuais: imagens estáticas e dinâmicas, câmera fixa ou em movimento, uma ou várias câmeras, personagens quietos ou movendo-se, imagens ao vivo, gravadas ou criadas no computador. Um ver que está situado no presente, mas que o interliga não linearmente com o passado e com o futuro. O ver está, na maior parte



das vezes, apoiando o falar, o narrar, o contar histórias. A fala aproxima o vídeo do cotidiano, de como as pessoas se comunicam habitualmente. Os diálogos expressam a fala coloquial, enquanto o narrador (normalmente em off) "costura" as cenas, as outras falas, dentro da norma culta, orientando a significação do conjunto. A narração falada ancora todo o processo de significação."

Resultados

Os vídeos selecionados para serem transmitidos aos alunos durante a realização do grupo focal foram escolhidos por critérios de análise estabelecidos pelos pesquisadores que determinara: a) vídeos que tratassem de informações referentes a comunicação, área de estudo do grupo participante; b) diferentes gêneros televisuais dividido em: entrevista, debate e documentário; c) as mídias audiovisuais, vídeos deveriam estar disponíveis na rede; d) deveriam apresentar argumentações ou opiniões de estudiosos e teóricos de cada área.

A análise foi feita segundo critérios estabelecidos por Gomes (2008) que propõe cinco categorias para análise de materiais audiovisuais educacionais. Estes critérios foram estabelecidos, segundo o autor, para auxiliar o professor na seleção de vídeos para serem utilizados em sala de aula. Portanto trazem critérios que envolvem a linguagem audiovisual e características pedagógicas destes vídeos.

Após apresentação dos vídeos aos alunos, foram feitas perguntas abertas, cujas respostas eram dadas de maneira espontânea e orgânica. Os vídeos foram apresentados em sequência. A função principal das perguntas e do mediador era incitar a participação e a discussão, mas não guiá-las e nem determiná-las.

Abaixo o questionário base utilizado para a discussão, do qual foram feitas as análises dos resultados:



Tabela 1 - Questionário base para grupo focal

O material a que você teve acesso auxiliou o seu processo de aprendizagem? Por quê?
Você gostaria de ter maior acesso a materiais como esse durante seu processo de aprendizagem?
Você procura materiais como esse enquanto estuda? Por quê?
Em que locais (plataformas, sites...) você busca materiais como esse? Por quê?
Você possui professores que apresentam, em suas aulas, materiais como esse?
Quais são as suas considerações sobre a qualidade do material? Você faria alguma alteração? Por quê?
Qual dos três vídeos você acha melhor? Por quê?

Fonte: Grupo focal realizado durante a pesquisa

Quando questionados sobre o auxílio do material para o processo de aprendizagem os alunos se mostraram receptivos e falaram sobre a construção imagética do conteúdo que se estudava. O **Aluno 1** apontou para a importância de o material audiovisual estar em sintonia com o estudado presencialmente: “Não adianta mostrar um vídeo totalmente diferente com o que é visto em sala. Uma coisa precisa complementar a outra”. Também foi levantada a questão da predisposição para se assistir ao material, segundo o que diz o **Aluno 4** “Para assistir a um vídeo específico, teórico, que não é de entretenimento, eu preciso estar interessado, independente do formato”.

Sobre a apreensão de conhecimento, os alunos afirmam que, em alguns casos, compreendem melhor determinados assuntos em diferentes mídias, não só nas que, originalmente, fazem parte do universo acadêmico. O **Aluno 5** diz que “Uma matéria em um jornal, às vezes, me faz entender melhor algum assunto do que um capítulo inteiro de um livro”.

Sobre o acesso a materiais como os apresentados no grupo focal, todos os alunos disseram ter o hábito de procurá-los espontaneamente. Colocam, até mesmo, que em determinadas plataformas não é necessária uma procura intensa, os materiais aparecem de acordo com as preferências pessoais. O **Aluno 3** comenta que “Encontrar materiais exige certa independência mas, em alguns lugares, não é necessário nem procurar, as coisas que te interessam aparecem. Se realmente interessar, vê, se não, descarta”.

A procura por materiais semelhantes, segundo as respostas, é algo naturalizado que faz parte do hábito de estudo de todos os alunos entrevistados. As justificativas



mais recorrentes para o uso são três: complementar o estudo, visualizar o tema estudado, iniciar o estudo.

Quando questionados sobre as plataformas e sites utilizados na busca por materiais audiovisuais, os estudantes apontaram o uso do YouTube, TED (*Technology, Entertainment, Design*) e Sites de Instituições de Ensino, entre outros.

Quando questionados sobre a utilização de materiais audiovisuais por parte dos professores, todos os alunos disseram ter, pelo menos um, que apresentava como recurso materiais como esse. O êxito do uso é que foi questionado pelos alunos, o Aluno 2 disse que “Alguns professores apresentam um vídeo, por exemplo, apenas por passar... Não constrói uma relação, não faz uma introdução e não mostra com o intuito de construir algo maior. O uso do vídeo se restringe nele mesmo”.

Embora reconheçam o importante papel que tem o professor que apresenta materiais audiovisuais, os alunos entrevistados afirmam que, se não existe interesse pessoal, de nada adianta um professor que utilize recursos audiovisuais. O Aluno 6 diz que “Nós estamos inseridos num contexto em que é muito fácil encontrar diferentes materiais na rede. Entendo que um professor funcione como um “iniciador” do processo, mas não pode se resumir a ele. O aluno precisa ir atrás”.

Foram três os formatos apresentados aos alunos no grupo focal. 1. Documentário 2. Entrevista 3. Debate. Quando questionados sobre a qualidade dos materiais e sobre a preferência, a resposta, unânime, foi o documentário. Os argumentos utilizados para justificar a escolha de preferência com relação a formatação dos vídeos pelos alunos foram: atrativo, melhor ilustrado, mais informação, linguagem jovem, linguagem acessível.

Ao discorrerem sobre o formato preferido e os pontos negativos dos outros dois vídeos os estudantes elencaram os critérios, organizados na Tabela 2, que consideram mais importantes numa vídeo aula, independentemente do formato, área de conhecimento e veiculação:



Tabela 2 - Critérios para vídeo aulas

1 Qualidade de imagem	5 Profundidade
2 Qualidade de som	6 Dinamismo
3 Proximidade	7 Interatividade
4 Acessibilidade	8 Duração

Conclusões

As inovações tecnológicas passaram a criar novos significados e novas práticas educacionais. No entanto, estas precisam ser pensadas pelos professores na forma como paradigmaticamente concebem sua visão de mundo acerca da escola, dos alunos, da sociedade e do próprio processo de ensino e aprendizagem.

Precisa-se entender que as de tecnologias educacionais dispostas no ciberespaço propõem uma nova forma de acesso à informação e a construção de diferentes saberes. No ciberespaço todas as informações se encontram no mesmo plano. Não há hierarquia na multiplicidade de caminhos abertos que se apresentam ao indivíduo na sua procura por conhecimento.

A mídia audiovisual por sua vez, faz parte do cotidiano e do contexto dos estudantes universitários. Foi possível perceber por meio da pesquisa que existe uma relação muito estreita entre os alunos e os vídeos e que estes encontram-se mais críticos com relação as mídias que recebem. Estão se tornando cada vez mais sujeitos participativos do processo de recepção.

A formação, nesse contexto, não só entra em contato com uma profusão quantitativa, como também qualitativa, já que apresenta uma diversificação e personificação. O estudante deixa de buscar a uniformidade rígida de disciplinas e grades e passa a querer acesso a materiais específicos à suas necessidades acadêmicas e pessoais.

Cabe a estrutura universitária e ao professor revelar a possibilidade de se acessar a infinidade de informações e conhecimentos disponíveis nas novas plataformas tecnológicas de educação. As aprendizagens coletivas e colaborativas apontam para uma nova maneira de se adquirir conhecimento nas mais diversas áreas de estudo.



Tecnologias da Informação em Educação

Indagatio Didactica, vol. 6(1), fevereiro 2014

ISSN: 1647-3582

Inserida no contexto da sociedade midiaticizada, a Universidade precisa se manter atenta e crítica às novas demandas de interações sociais e educativas, que são complexas, aceleradas e diversificadas.



Referências bibliográficas

- BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina. Comunicação e Educação - Questões Delicadas na Interface. 1 ed. São Paulo: Hacker Editores, 2001.
- BRIGGS, Asa. BURKE, Peter. Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet; tradução Maria Carmelita Pádua Dias – Rio de Janeiro: Zahar, 2ªed, 2006.
- BACCEGA, Maria Aparecida. Educomunicação construindo uma nova área de conhecimento. In A. Citelli & M.Costa (Org.), *Comunicação/Educação e a construção de nova varável histórica* (pp. 31-41). São Paulo: Paulinas, 2011.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina; JACKS, Nilda. Comunicação e Recepção. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? 4. ed. Tradução Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- GATTI, Bernadete Angelina. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. Brasília: Líber Livro, 2005.
- GOMES, Luís Fernando. Vídeos didáticos: uma proposta de critérios para análise. Revista brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, v89, n223, p.477-492, se/dez. 2008.
- JENKINS, Henry. Cultura da convergência; tradução Susana Alexandria – São Paulo: Aleph, 2ª edição, 2009.
- LÉVY, Pierre. A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço; tradução de Luiz Paulo Rouanet – São Paulo: Loyola, 5ª edição, 2007.
- LÉVY Pierre. Cibercultura; tradução de Carlos Irineu da Costa.— São Paulo: Ed. 34, 1999.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Tradução: Ronald Polito e Cérgio Alcides. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- MORAN, José Manuel. A educação que desejamos novos desafios e como chegar lá. Campinas: Papirus, 2007
- OROZCO, Guillermo. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, Dênis de. (Org). Sociedade Mediatizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- SILVA, Marco. Sala de aula interativa: educação, comunicação e mídia clássica. São Paulo: Edições Loyola, 2012.